

## FANTASIA E PSICANÁLISE: RELAÇÕES ENTRE OS CONTOS DE FADAS E O INCONSCIENTE

CAROLINA BRANDI<sup>1</sup>; SILVIA NARA SIQUEIRA PINHEIRO<sup>2</sup>;

MARTA SOLANGE STREICHER JANELLI DA SILVA<sup>3</sup>

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – carolinabbrandi@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – silvianarapi@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – martajanelli@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema os contos de fadas, olhando-os não apenas como um gênero de literatura infantil, mas também como um meio de acesso ao inconsciente. Para CORSO E CORSO (2011), contos de fadas são histórias que contêm elementos fantásticos, extraordinários e encantadores, permitindo a noção de que o enredo se passa em outra dimensão, uma realidade diferente da habitual, que trabalha com outras lógicas. Entre essas, algumas histórias irão se consagrar como clássicas, sobrevivendo por séculos no imaginário da sociedade sendo, para CALVINO (2007, p. 10), “livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual”.

A maioria das histórias infantis clássicas, que são caracterizadas como contos de fadas, traz como tema sentimentos e emoções que são vivenciados ao longo da vida, em todas faixas etárias. Para ESTÉS (2018, p. 29) “nas histórias estão incrustadas instruções que nos orientam a respeito das complexidades da vida”. Utilizando-se de uma linguagem que busca ser traduzida para o universo infantil e visando a compreensão de uma criança que está entrando em contato, pela primeira vez, com a vasta gama de emoções humanas, os contos acabam por representar e validar as angústias próprias do período da infância.

O impacto dessas histórias infantis no psiquismo é tanto, que são frequentes os relatos, em análise, de pacientes adultos mencionando contos que ouviram na infância e os marcaram de forma significativa, de forma a nunca mais os esquecerem ou vivenciarem tamanha empatia por uma forma de arte (CORSO E CORSO, 2011). ESTÉS (2018), defende que é por meio dos contos de fadas e dos mitos que entramos em contato com nossa natureza e, também, onde recebemos instruções acerca do mundo, de tal forma que através deles podemos resgatar

impulsos psíquicos que foram perdidos. Sendo assim, o que os contos de fadas revelam sobre o inconsciente? Pensando-se por um viés psicanalítico, qual a importância da fantasia no funcionamento psíquico dos sujeitos adultos?

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa possui caráter qualitativo e se dá através de uma revisão teórica acerca da relação que se pode construir entre os contos de fadas e a psicanálise. A pesquisa qualitativa trabalha com fenômenos que não podem ser avaliados de forma quantificável, fazendo uso de um universo que diz respeito a significações, motivos e comportamentos (MINAYO, 1993). Dessa forma, busca-se investigar na literatura existente o impacto dos contos no psiquismo e de que forma eles dialogam com o inconsciente dos adultos.

Por tratar-se de um trabalho que busca dialogar com a psicanálise de forma que os conteúdos transferenciais que venham à tona sejam reconhecidos como parte da própria pesquisa, cabe-se utilizar, também, o método psicanalítico de pesquisa. Esse método se opõe à separação entre pesquisadora e objeto de pesquisa, defendendo a ideia de que o conhecimento se produz, justamente, na relação que vem a se constituir entre ambas as partes (FIGUEIREDO E MINERBO, 2006). Dessa forma, os conceitos teóricos não são apenas utilizados, mas, de alguma forma, transformados, ao mesmo tempo que a pesquisadora, também, se permite ser transformada por eles.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para BETTELHEIM (2007), os contos que sobrevivem e continuam presentes até os dias de hoje, são os que oferecem oportunidades de representação dos conteúdos presentes no inconsciente infantil. Para ele, há uma preferência, por parte das crianças e suas famílias, pelas histórias que permitem a realização de suas elaborações, contendo mensagens que se adaptam às suas necessidades atuais. O conteúdo absorvido pela criança vai ser o que ressoa na subjetividade dela, por isso interessa-se por determinados trechos, têm preferência por certos contos ou pede para brincar fingindo ser algum personagem específico, numa espécie de diálogo inconsciente (CORSO E CORSO, 2011).

Na teoria freudiana, o termo elaboração diz respeito a um trabalho que o psiquismo realiza, no qual busca controlar as excitações que chegam nele e dar a

elas um destino por meio de conexões associativas, caso isso não aconteça, o acúmulo de excitações pode resultar em uma patologia psíquica (LAPLANCHE E PONTALIS, 1991). Por meio do distanciamento oportunizado pela fantasia, questões difíceis de serem representadas podem se apoiar em elementos fantásticos para produzir metáforas e representações (LINS, 2023).

A ficção, neste caso, funciona não apenas como uma forma de prazer, mas também como um modo de amparar angústias e possibilitar a nomeação de algo que não pode ser dito, “uma saída para que certas verdades se imponham” (CORSO E CORSO, 2011 p. 18). Conforme preenche os vazios dos textos, com aquilo que faz sentido para ele no momento, o leitor ou ouvinte encontra indicações de como explicar coisas inexplicáveis e consegue sentir alívio ao ser tocado pelos contos (SOUZA E CALDIN, 2017). Dessa forma, seja ouvindo, lendo ou contando histórias, reflexões acerca da própria existência, angústias e desejos são evocados, e é justamente nesse campo das narrativas subjetivas que a Psicanálise opera (LINS, 2023).

GUTFREIND (2010), defende que os contos são obras que acolhem o caos (a angústia, o medo, a morte, a solidão) e o vestem com representações (a bruxa, o lobo, a maçã, os símbolos). Assim, pensar sobre o caos através dos personagens presentes nos contos, torna menos sofrido o encontro com dificuldades ou questões de caráter subjetivo. As histórias, portanto, com seus simbolismos e representações, criam um filtro que possibilita o contato com conteúdos inconscientes que seriam difíceis de serem suportados de outra forma.

#### 4. CONCLUSÕES

A pesquisa apresentada neste trabalho teve como tema central os contos de fadas e as relações que podem ser estabelecidas entre eles e o inconsciente. Levando-se em consideração o impacto desse gênero literário na subjetividade dos sujeitos e a forte presença de simbolismos e representações, certos conteúdos podem ser revelados por meio dos contos. Ao criarem um universo fantástico e extraordinário, eles viabilizam a satisfação e vivência de desejos reprimidos, ajudando, também, a organizar sentimentos complexos e ambivalentes. Fazendo-se uso de figuras simbólicas, como fadas e bruxas, os contos conseguem disfarçar conflitos internos velados (LINS, 2023). Afinal, “é mais fácil falar sobre bruxas do que sobre os aspectos negativos de uma mãe” (GUGGENBUHL, 1991, p. 157).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CORSO, Diana Lichtenstein. CORSO, Mário. **Fadas no divã**: Psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **A psicanálise na terra do nunca**: ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Artmed, 2016.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. **Pesquisa em psicanálise**: algumas idéias e um exemplo. J. psicanal., São Paulo, v. 39, n. 70, p. 257-278, 2006. Disponível em:  
[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100017](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017). Acesso em: 3 mar. 2024.

GUGGENBUHL, Allan. **Tales and Fiction**: Group Psychotherapy for Children and Juveniles at the Children and Educational Counselling Centre of the State of Bern. School Psychology International, School Psychology Internacional, v.12, n.1-2, p.7-16, 1991. Disponível em:  
<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0143034391121002> . Acesso em: 3 mar. 2024.

GUTFREIND, Celso. O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na clínica e na escola. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Artmed, 2020.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de Psicanálise**. 11.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LINS, Hellen Duarte. **Um punhado de magia**: Os contos de fadas sob a perspectiva da clínica psicanalítica e o conceito de Real em Pinóquio. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. **Contos de fadas também é coisa de gente grande**: aplicabilidade terapêutica de histórias infantis para adultos. Revista ACB, v. 22, n. 3, p. 548–563, 2017. Disponível em:  
<https://revista.acb.org.br/racb/article/view/1403>. Acesso em: 3 mar. 2024.